

## O OLHAR DO OUTRO

*Miriam Lifchitz Moreira Leite\**

### Resumo

Aos estudos de Alfred Schuetz sobre o estrangeiro, o de fora, o que não participa do grupo, a década de 90 do século XX assistiu a uma consciência cada vez mais penetrante das distâncias entre o nós e os outros. Este artigo limita-se a aplicar alguns dos conhecimentos desenvolvidos ao século XIX, para discutir encontros entre europeus e indígenas e homens e mulheres, no Brasil.

### Palavras-chave

Viajantes; viajantes estrangeiros; século XIX; mulheres brasileiras; viajantes mulheres.

### Abstract

*For Alfred Schuetz's studies on the foreigner, the outcast, the one who does not participate in the group, the 1990s watched the emergence of a conscience which grew more and more penetrating in relation to the distances between us and the others. This article applies part of the developed knowledge to the 19th century, in order to discuss encounters between Europeans and Indians, men and women, in Brazil.*

### Key-words

*Travelers; foreign travelers; 19th century; Brazilian women; women travelers.*

O ano de 2000 consagrou o “olhar do outro” como o método de pesquisa de campo por excelência na antropologia. Com os estudos dedicados às descobertas geográficas dos europeus, o olhar do outro tornou-se presente em suas diferentes modalidades. Nas técnicas do observador participante, em reconstruções históricas, literárias e antropológicas, no advento da interdisciplinaridade em detrimento da especialização, na filosofia crítica das revisões em quase todas as áreas. Os estudos de fisiologia e neurologia contribuíram para as verificações da variabilidade das percepções, transformando o olhar, o sentido mais usual da aquisição do conhecimento, e a ponte entre o sujeito e o objeto exterior, numa fonte de mal-entendidos, enganos e ilusões. Para a análise das relações interpessoais, as contribuições do olhar do outro foram seguramente as mais preciosas.

Contudo, não se está mais em euforia nas ciências humanas. Como a tecnologia ganhara a segunda Guerra Mundial, parecia, naquela época, que o conhecimento científico venceria a luta contra a pobreza, contra o crime, contra o racismo com instrumentos intelectuais. Nesses cinquenta anos de desilusões, ficou claro que os cientistas sociais não conseguem dominar o ambiente, nem comparar seus recursos aos dos cientistas de laboratório, mas têm de se limitar ao que conseguem captar com as suas limitações a narrativas complexas e material observável no dia-a-dia e a inferências críticas que disso pode tirar, em busca do sentido atribuído. Hoje, os pesquisados, além de conhecer melhor a sua língua e as complexidades de sua cultura, estão conscientes do olhar e das intenções do cientista e são capazes de apontar as generalizações indevidas e os comentários superficiais.

Dessa forma, o olhar do outro ganhou renovado interesse, embora nem sempre funcionasse tão bem quanto o pesquisador esperava. Quando iniciei o trabalho sobre história das mulheres, em 1976, uma das preocupações vigentes era a visibilidade da mulher, que desaparecia principalmente na história, subentendida por trás do masculino universal, o homem. Com a entrada das mulheres para a universidade, muitas delas adquiriram instrumentos e criaram métodos adequados para desenvolver estudos interdisciplinares sobre o tema. Um artigo de Alfred Schuetz<sup>1</sup> forneceu o apoio teórico para esse estudo. Austríaco exilado nos Estados Unidos, Schuetz aprofundou a análise do que era “o de fora” ou “o estrangeiro” lidando com o padrão cultural, os valores, as instituições e os sistemas de orientação da vida cotidiana, como hábitos, costumes, etiqueta e moda que caracterizam um grupo social, num dado momento. De fora do grupo, tenta observar, descrever e classificar o mundo social da maneira mais clara possível, em termos bem organizados, de acordo com ideais científicos de coerência,

consistência e conseqüência analítica. Os de dentro do grupo tratam dessas coisas simplesmente como possibilidades de ação e não como objetos de pensamento. As coisas são como sempre foram e se aprenderam em casa, na escola e no trabalho.

Para o de fora, essas suposições básicas não existem. Precisa indagar sobre tudo o que parece indubitável para os membros do grupo. Como recém-chegado, continua excluído das experiências passadas do grupo. É um homem sem história. Isso lhe dá tanto mais objetividade, quanto uma lealdade duvidosa. A objetividade vem de perceber a incoerência e a inconsistência dos padrões culturais dos outros.

Foram essas reflexões que permitiram uma aproximação crítica dos viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil, entre 1803 e 1900. Como europeus e norte-americanos, foram capazes de observar as diferentes mulheres realmente encontradas e, ao contrário dos letrados brasileiros, analisar e interpretar seus encontros em comparação com os padrões culturais de origem.

Afora a visibilidade e as proporções menos deformadas da população, foi possível acompanhar o que era mulher brasileira, segundo 170 viajantes que as mencionaram. Até 1808, brasileiras eram as mulheres indígenas. A partir de então, eram as diversas mestiças, e as brancas eram consideradas portuguesas, caracterizadas pela língua falada, lembrando-se que muitas das africanas sequer eram vistas como seres humanos. A partir da proibição do tráfico de escravos, em 1850, muitos viajantes descreveram condições econômicas e raciais que lhes eram incompreensíveis.

Apesar das limitações e dos mal-entendidos das interpretações de um território pouco explorado, foram os livros de viagem que informaram o mundo sobre o Brasil e o próprio Brasil aos brasileiros. Uma das vantagens do estudo de um século de literatura de viagem, passada pelo crivo crítico dos dados biobibliográficos dos autores, foi ter a possibilidade de aprofundar as reflexões dos mesmos sobre seus colegas, de acordo com sua formação cultural, como também com o estágio científico em que se filiavam.

Apresento, a seguir, alguns casos em que o olhar do outro se mostrou revelador, entremeados de outros, em que isso não ocorreu.

Ida Reyer Pfeiffer (1797-1858)<sup>2</sup> era uma dona-de-casa vienense, mãe de dois filhos, que, aos quarenta e cinco anos, realizou seus sonhos infantis de ver o mundo. Antes, estudou sistematicamente e com obstinação os nomes dos rios e das montanhas e os meridianos e paralelos traçados. Depois de muitos cálculos e preparativos secretos, partiu em 1842 para quinze anos de peregrinações pelo mundo, intercalados por retornos a Viena, para descrever suas aventuras e preparar a viagem seguinte. Levava apenas

um saco e uma bolsa mais carregada de cartas de recomendação que de dinheiro. A frugalidade e a resistência levaram a viajante mais longe que a coragem e a curiosidade. Suportava o frio e o calor com a mesma roupa preta comprida e fechada até o pescoço, cheia do pudor das mulheres de meia-idade do século XIX. Andou de barco, piroga, mula, camelo, elefante, palanquim, semanas a fio. Enfrentou bandidos e conspirações, febres, insetos, exaustão, temperaturas e umidade extremadas. Expressava os valores da vida cotidiana dos pequenos negociantes austríacos de meados do século XIX – culto ao trabalho e à família, desprezo pela sensualidade, repugnância pela sexualidade, confiança no progresso e no cristianismo –, e horrorizava-se com a feiúra, a indecência e o fanatismo dos outros povos. Acabou morrendo em consequência da febre de Madagascar, mas seus livros lhe conquistaram o título de membro honorário da Sociedade de Geografia de Paris, Berlim e da Sociedade de Zoologia de Berlim e Amsterdã. Voltando ao exame do olhar do outro, é possível dizer que as comparações entre a vida cotidiana das mulheres encontradas nas viagens e as dificuldades da mulher pobre europeia acabaram sendo mais reveladoras desta última do que daquelas.

Hercules Florence (1804-1879)<sup>3</sup>, um dos desenhistas da expedição de George Heinrich Langsdorff, na *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*, de 1824 a 1829, deixou, entre seus desenhos tomados ao natural, um encontro do chefe de sua expedição com os apiacás. Para o encontro, o barão envergou o fardamento de gala. Em nota, o tradutor do francês para o português do diário de Florence, o visconde de Taunay, sugere que talvez aquela vestimenta já fosse indício das perturbações mentais decorrentes da malária, que interromperiam as atividades do barão. É possível, contudo, que o senso de hierarquia deste exigisse a farda adequada para o encontro com o chefe da tribo. Esse exemplo deixa bem claro o terreno pantanoso em que nos encontramos ao tratar do olhar do outro.

O próprio Langsdorff (1774-1852),<sup>4</sup> médico, diplomata e naturalista, foi capaz de deixar em seu diário de 1824 estas observações:

Muitas vezes admirei-me em ver o quanto se conseguiu fazer nas fazendas [do interior de Minas Gerais] com tão poucos escravos. Eu não conseguia entender, pois também procuro manter meu pessoal trabalhando com eficiência. Mas finalmente descobri o motivo: quando se pergunta o número de escravos, aqui consideram-se só os homens, ou seja, aqueles que trabalham na roça ou no campo. As mulheres são todas empregadas na casa e nos afazeres domésticos como, por exemplo, levar o milho para a moenda, cozinhar milho, a comida para os porcos, ocupar-se da comida, da roupa, fiar e tecer algodão, espalhar o feijão, cozinhar doce, fazer farinha de milho, dar comida às galinhas.



Encontro do Barão de Langsdorff com os apiacás, registrado por Hercules Florence.

Revelara, então, um viés machista da invisibilidade das mulheres, que viciou as estatísticas e, em alguns casos, continuou viciando números considerados oficiais.

Outro desenhista da expedição Langsdorff – Maurício Rugendas (1802-1858) – deixou uma cena muito divulgada acerca do “olhar do outro”.<sup>5</sup> Nela aparecem os elementos mais marcantes dos primeiros encontros de europeus e habitantes da América – a vegetação tropical e a nudez de homens, mulheres e crianças. A curiosidade de uns e outros manifesta-se pela aproximação dos homens, dos europeus vestidos, enchapelados e montados, enquanto as mulheres arredias ocultam-se e escondem os filhos por trás das árvores, de onde procuram espiar aqueles seres estranhos.

É muito diferente o livro de Ina von Binzer.<sup>6</sup> Essa escritora alemã, que vem para o Brasil como governanta de 1881 a 1884, explicita que a convivência na intimidade das famílias brasileiras permite uma observação mais nítida da vida neste país que aos outros europeus, que mal se afastam das cidades litorâneas. Nas trinta e sete cartas escritas a uma colega, ao lado do bom humor nos relatos de suas desditas educacionais,



Encontro de viajantes europeus com índios brasileiros.

reflete sobre sua formação e as idéias européias em comparações penetrantes com os hábitos e os paradoxos, incompreensíveis para o europeu, meditando sobre os escravos como pessoas humanas, infelizes que até depois de mortos eram enxotados do convívio dos outros mortais. Ina von Binzer escreve um dos primeiros livros de história da família brasileira.

Tem outro caráter o encontro de Karl von den Steinen (1855-1929)<sup>7</sup> com os índios bacairi, em 1887. É o encontro de um psiquiatra, que se tornou etnógrafo, com tribos ainda sem contato com os brancos.

uma bela e longa canoa de cortiça seca dirigiu-se diretamente para a nossa miserável embarcação torta, barrada com cera, consertada com barro, lavada interiormente com água suja; — francamente, parecia que éramos nós que entrávamos numa zona de maior cultura, embora o nobre barqueiro usasse somente uma corda em torno da cintura, e embora ele trouxesse consigo, dentro da canoa, apenas um arco com as respectivas flechas, bem trabalhadas e enfeitadas com penas, ao lado duma cabaça cheia de mel. Havia contudo um

visível contraste entre aquela figura elegante e asseada que vinha deslizando ao nosso encontro, e nós, emissários da civilização, esfarrapados ao lado da cortiça encharcada e podre, que nos servia de embarcação. Assim mesmo, o recém-chegado mostrava visivelmente, pela expressão de seu rosto, que ele também nos admirava. E não se portou como um índio taciturno e melancólico cuja alma (como eu julgava, baseando-me no que aprendera na escola) refletisse o ambiente monótono e deprimente das florestas tropicais. Ria e conversava com Antônio, seu irmão de tribo, como si se tivesse criado numa região próspera da zona temperada.

Embora von den Steinen já seja considerado como um dos etnógrafos viajantes, aquele que apresentou o habitante primitivo das selvas brasileiras como ele é, procurando compreender e explicar as causas de qualidades e falhas, ainda estava preso a um determinismo geográfico e a outros preconceitos científicos de sua época.

Com todos os resultados positivos que o estudo do olhar do outro pode proporcionar, continua a ser uma questão da maior complexidade e que exige atenção para de quem é o olhar e quem foi observado, o que nem sempre foi possível.

*Artigo recebido em maio de 2001 e aprovado para publicação, pelo Conselho Editorial, em junho de 2001.*

### Notas

\* Professora aposentada em História, conselheira do Nemege/USP e coordenadora de projeto no Lisa/USP. Autora de *Retratos de família (análise da fotografia histórica)*, 1993 (prêmio Jabuti) e *Livros de viagem (1803-1900)*, 1997.

<sup>1</sup> Schutz, A. The stranger. *The American journal of Sociology*. XLIX, pp. 499-507, 1944.

<sup>2</sup> Pfeiffer, I. *Voyage d' une femme autour du monde*. Paris, Librairie de I. Hachette, 1858.

<sup>3</sup> Florence, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1941.

<sup>4</sup> Langsdorff, G. H. *Diários do Rio de Janeiro e Minas Gerais (1824-1825)*. Campinas; Rio de Janeiro, Associação Internacional de Estudos Landsdorff/Unicamp; Instituto Oswaldo Cruz, 1998, vol I.

<sup>5</sup> Rugendas, M. *Viagem pitoresca através do Brasil*. 4 ed., São Paulo, Livraria Martins, 1949.

<sup>6</sup> Von Binzer, I. *Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. São Paulo, Anhembi, 1956.

<sup>7</sup> Von den Steinen, K. Entre os aborígenes do Brasil central. *Revista do Arquivo Municipal de Cultura*. São Paulo, 1940, pp. 76-77.